

# AS METÁFORAS DA RAIVA: UMA ABORDAGEM COGNITIVA

Ricardo Yamashita Santos (UnP)  
[r.yamashita@unp.br](mailto:r.yamashita@unp.br)

## Introdução

Amparados pela teoria cognitiva da metáfora (LAKOFF, 1993; GRADY, 1997; JOHNSON, 1997; LAKOFF, JOHNSON, 1999; NARAYANAN, 1997; KÖVECSES, 1999; 2005; FELDMAN, 2006; LAKOFF, 2008), pretendemos apresentar neste trabalho um panorama geral dos estudos atuais que envolvem a metáfora, focalizando, sobretudo, as pesquisas que serviram de base para o nosso trabalho de doutorado, intitulado *A conceptualização de RAIVA na perspectiva da Teoria Cognitiva da Metáfora: uma análise da emergência de sentido*.

A proposta de mente corporificada (*embodied mind*) ganha uma força maior no cenário das pesquisas, alicerçadas pelos novos estudos sobre a metáfora que, além de ser conceptual, passa a ser neural e cultural, ou seja, é um fenômeno de nossa linguagem situada, considerando os processos cognitivos que se organizam por meio desse fenômeno.

O principal objetivo é mostrar os avanços atingidos até o momento e que representam um novo capítulo para a Linguística Cognitiva no que diz respeito aos estudos da metáfora, apontando os novos horizontes das pesquisas, focalizando a compreensão do domínio RAIVA.

## 1. Os estudos cognitivos da metáfora a partir da concepção de mente corporificada

A proposta de mente corporificada, ou de um realismo experiencialista, assumida pela nova geração das ciências cognitivas, tem ganhado autonomia no cenário da pesquisa e, atualmente, podemos dizer que concentra os maiores esforços para o avanço da compreensão do funcionamento do nosso cérebro/mente.

É principalmente desde a obra *Metaphors we live by* (LAKOFF; JOHNSON, 1980) que essa nova revolução epistêmica começa a ganhar força, dissociando-se da proposta cartesiana de mente autônoma, adotada pela corrente até então vigente, conhecida atualmente por ciência cognitiva clássica, perspectiva essa defendida por pesquisadores como Fodor, Chomsky e Pinker.

A partir da nova geração dos pesquisadores das ciências cognitivas, os trabalhos, principalmente no interior da Linguística Cognitiva através de George Lakoff e demais estudiosos, começaram a focalizar a mente e a linguagem como elementos imbricados e indissociáveis à relação corpórea e cultural.

Essa revisitação inclui repensarmos a base da teoria, inicialmente mais filosófica, por meio dos avanços adquiridos atualmente, via experimentos neurais. A base conceptual prevalece, e a hipótese de que a metáfora é um processamento cognitivo indispensável para a cognição humana ganha mais força através da comprovação dos estudos neurais.

## **2. A metáfora conceptual e a metáfora neural: principais pressupostos**

Algumas questões levantadas por Lakoff e Johnson (1980), como a formulação de que as metáforas são compostas por dois domínios que se relacionam, sendo um domínio-fonte (domínio concreto) que se projeta em um domínio-alvo (domínio abstrato), são repensadas, mas não descartadas.

A revisão dessa proposta começa a ser feita em 1990 no artigo de Lakoff sobre a metáfora AMOR É UMA VIAGEM. Nesse artigo, Lakoff mostra um mapeamento metafórico que organiza nosso sistema conceptual de tal sorte que os domínios AMOR e VIAGEM são relacionados por meio de mapeamentos que envolvem atributos de ambos os domínios. Vejamos alguns exemplos que ilustrem essa construção metafórica:

- 01) Olhe até que ponto nós chegamos (relação).
- 02) É um caminho longo e acidentado.
- 03) Não podemos voltar agora.
- 04) Chegamos a uma encruzilhada.
- 05) Estamos andando em círculos.

De acordo com Lakoff, esses exemplos ratificam a metáfora AMOR É UMA VIAGEM, pois são constantemente utilizados por falantes dos EUA para caracterizar o relacionamento. Essa construção envolve mapeamentos específicos entre domínios:

Os amantes (as pessoas da relação) correspondem aos viajantes.

A relação corresponde ao veículo.

Estar na relação corresponde a estar em um mesmo veículo.

A intimidade na relação corresponde à proximidade dentro do veículo.

Os objetivos comuns dos amantes correspondem aos objetivos comuns da viagem.

Dificuldades no relacionamento correspondem a impedimentos na viagem.

Todas essas correspondências entre os domínios são chamadas de mapeamentos por Lakoff. Esses mapeamentos são, portanto, a base de uma computação neural, uma vez que as correspondências entre domínios são informações compartilhadas neuralmente, em forma de sinapses. É importante salientar que tais mapeamentos limitam a possibilidade de alternativas de ação, como nos lembra Lakoff.

A relação e a viagem são compostas por amantes, viajantes, a relação e o veículo. A relação pode seguir ou acabar, bem como a viagem. O modo como a relação será conduzida pode ser calma ou turbulenta, assim como o modo como a viagem será conduzida, por meio de estradas esburacadas ou caminhos simples. O abandono da relação, assim como a possibilidade de sair do carro etc. Desse modo, as conceptualizações que serão formuladas a partir dessa metáfora serão fruto desse mapeamento. O tipo de veículo também pode significar uma associação diferente com o frame, por exemplo, um barco pode criar um frame de mar, o que significa SAIR DA RELAÇÃO É SE AFOGAR. Isso vai ser determinado pelas experiências culturais das pessoas envolvidas no relacionamento.

Inicialmente, a proposta da metáfora conceptual tratava da correspondência entre um domínio-fonte, mais concreto, no caso, a viagem, e um domínio-alvo, mais abstrato, no caso, o amor. Em 1993, no artigo sobre a Teoria Contemporânea da Metáfora, Lakoff argumenta que a metáfora segue uma estrutura de invariabilidade baseada em esquemas imagéticos, ou seja, nos padrões abstratos construídos pela experiência corpórea. Nesse sentido, o autor formula a hipótese de que a base de nossa linguagem metafórica, e consequentemente da linguagem de um modo geral, é construída a partir de nossa base corpórea, via experiências sensório-motoras. O que não “varia” em nossa linguagem, portanto, é a base corpórea.

A partir dessa compreensão, Lakoff (2008) faz uma relação entre esquemas imagéticos e as metáforas primárias (GRADY, 1997; NARAYANAN, 1997;

JOHNSON, 1997), que são constituídas por meio da extensão de nossas experiências sensório-motoras, associadas a domínios<sup>1</sup>. Desse modo, as metáforas primárias que envolvem a metáfora AMOR É UMA VIAGEM são:

**PROPÓSITOS SÃO METAS:** mapeamento entre objetivos e o esquema ORIGEM-CAMINHO-META (OCM) → Modo como serão atingidos os objetivos e a chegada da relação e da viagem (META).

**DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA LOCOMOÇÃO:** mapeamento entre problemas e o modo como são conduzidas a relação, a viagem e os esquemas OCM e TRAJETOR-MARCO → Modo como serão conduzidos os problemas e o modo como será realizado, pelo TRAJETOR, o percurso de OCM.

**RELAÇÃO É CONTÊINER:** mapeamento entre a situação em que se encontra a viagem, a relação e o esquema CONTÊINER → Modo como serão construídos o fato de poder “entrar” e “sair” de uma relação por meio do CONTÊINER.

**INTIMIDADE É PROXIMIDADE:** mapeamento entre a relação afetiva, o lugar de proximidade na viagem e o esquema OCM através da orientação espacial de distanciamento. → Modo como serão relacionados a distância espacial e a intimidade, por meio do OCM.

Ao considerarmos essa nova proposição de Lakoff, de que a base da metáfora advém de esquemas imagéticos, trazemos para o cerne da linguagem a concepção mais básica para realizarmos uma computação neural da mente, proposta consolidada pelas ciências cognitivas de segunda geração, de que a base de nossa linguagem é corporificada.

Nesse sentido, a invariabilidade da metáfora, no que concerne a analogia entre domínios (LAKOFF, 1993), requer a compreensão de que as estruturas inerentes entre os domínios partem de esquemas imagéticos, que são fruto de nossas experiências corpóreas, como OCM, CONTÊINER etc. Os domínios concretos e abstratos são, portanto, frutos de inferências espaciais metafóricas, como no exemplo da metáfora AMOR É UMA VIAGEM, que envolve metáforas primárias como RELAÇÃO É CONTÊINER, PROPÓSITOS SÃO METAS dentre outras.

---

<sup>1</sup> As metáforas primárias serão melhores analisadas posteriormente, na seção correspondente.

### 3. A fusão entre a proposta conceptual e a proposta neural da metáfora

Desde 1980, considerando todos os avanços na proposta de Lakoff e Johnson (LAKOFF, JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1993; LAKOFF, JOHNSON, 1999), chegando até o atual momento denominado por era da computação neural (FELDMAN, 2006; LAKOFF, 2008), muitos dos pressupostos inaugurados na fundamentação da teoria da metáfora conceptual se sustentam, sendo corroborados pela concepção atual da Teoria Cognitiva da Metáfora (TCM):

- Metáforas são mapeamentos conceptuais fundamentais de nosso sistema conceptual e não meras expressões linguísticas.
- Existe um enorme sistema de mapeamentos metafóricos fixos e convencionais, frutos da experiência corpórea e cultural.
- O sistema existe fisicamente em nossos cérebros, armazenados como informações em nossos neurônios.
- Mapeamentos metafóricos são tipicamente conceptualizações entre domínios.
- Mapeamentos operam a partir da estrutura do domínio de origem e da estrutura dos esquemas imagéticos.
- Via mapeamentos metafóricos, determinadas estruturas do domínio-fonte (esquemas imagéticos e *frames*) são usadas para processar o domínio-alvo. Em tese, grande parte de nosso pensamento se deve às metáforas conceptuais.
- Mapeamentos metafóricos são parciais.
- Muitas metáforas conceptuais são parte do inconsciente cognitivo por envolverem processamentos inconscientes de cognição. O que emerge na linguagem são apenas pistas linguísticas desse processamento.
- Linguagem metafórica poética faz uso de nosso sistema conceptual metafórico.
- Comumente, tomamos as metáforas conceptuais como definições da realidade e vivemos de acordo com elas.

- Generalizações sobre os padrões que surgem das inferências (do domínio-fonte e domínio-alvo) e dos itens lexicais (idem) são fontes de dados fundamentais para a compreensão de qual metáfora conceptual subjaz determinado uso de linguagem.

Essas questões levantadas pelos avanços dos estudos da metáfora conceptual se sustentam e ganham notoriedade no atual estudo. A maior novidade que podemos atribuir à teoria, advinda das descobertas das neurociências e ciências da computação, é que a base que alicerça a construção da metáfora advém de nossa percepção sensório-motora, reforçando, mais uma vez, a compreensão de que nossa mente é corporificada.

A partir da nossa capacidade de formarmos padrões corpóreos abstratos (esquemas imagéticos) associada à nossa capacidade de nos situarmos em contextos sociais (frames) que as metáforas são construídas. Esse link entre esquemas e *frames* é construído neuralmente, por meio de sinapses que carregam as informações necessárias para o processamento da linguagem.

#### **4. Analisando as metáforas de RAIVA**

Os trabalhos de Kövecses (1986) e Lakoff e Kövecses (1987) trouxeram dados importantes para os estudos cognitivos da linguagem sobre variados domínios-fonte que se relacionam com o domínio RAIVA. Como poderemos observar, essa relação metafórica tem como base a corporalidade, ou seja, tudo começa a partir da relação física e, mais recentemente, denominada por experiência sensório-motora.

É a partir da experiência sensorial que a metáfora se expande, como em um *continuum*, para experiências mais abstratas, ao ponto de podermos relacionar essas experiências a entidades ou coisas que existem apenas no plano conceptual.

Vejamos alguns exemplos que evidenciam essa conceptualização de RAIVA, retirados e adaptados de Kövecses (2004, p. 21):

RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE: *Ela está fervendo de raiva.*

RAIVA É FOGO: *Carlos está fazendo uma queima lenta. Sua raiva é latente.*

RAIVA É LOUCURA: *O homem era louco de raiva.*

RAIVA É UM Oponente em uma luta: *eu estava lutando contra minha raiva.*

RAIVA É UM ANIMAL CATIVO: *Joe McEnroe soltou sua ira.*

RAIVA É UM Fardo: *Said carrega toda a sua raiva para onde quer que vá.*

COMPORTAMENTO RAIVOSO É UM COMPORTAMENTO ANIMAL: *Não rosne para mim!*

RAIVA É SENSÇÃO FÍSICA: *Ele é uma dor nos meus ombros.*

RAIVA É UMA FORÇA NATURAL: *Foi um encontro tempestuoso.*

PESSOA COM RAIVA É UMA MÁQUINA EM FUNCIONAMENTO: *Quando começou a falar, Joãozinho pegou no tranco e não parou mais.*

RAIVA É UM ENTE SUPERIOR: *Suas ações foram completamente governadas pela raiva.*

As experiências envolvendo a raiva passam a ser conceptualizadas de nossa base corpórea, como em “Ela está fervendo de raiva”, em que RAIVA É UM FLUÍDO QUENTE EM UM RECIPIENTE, no qual temos a relação de que CORPO É CONTÊINER e RAIVA É FLUÍDO QUENTE. Porém, essas experiências se expandem, ao ponto de podemos identificá-las em congruência com o contexto, de um modo que sua moldura será completada pelas experiências socioculturais. Os exemplos acima foram observados na língua inglesa, mas sabemos que tais relações podem ser construídas também em nossas culturas, dependendo da situação em que nos encontramos.

Quando digo, por exemplo, “Ele soltou a sua ira” estou extravasando o sentimento de raiva, mais uma vez tendo como base o corpo, para além dos limites do corpo-recipiente. Porém, o fato de soltar algo, remete-nos a experiência que temos com animais, quando soltamos um cachorro para pegar um gato, por exemplo. “Soltar a ira” significa “externar a raiva”, porém, a base experiencial que a sustenta envolve tanto questões primárias da corporalidade como a experiência contextual. Nesse caso, podemos dizer que as metáforas primárias e as metáforas congruentes atuam juntas no processo de conceptualização, através de diversas conexões neurais que são realizadas, relacionando os padrões cognitivos de nossa base sensório-motora e cultural.

Outro exemplo interessante é a personificação que fazemos da raiva, como se ela fosse uma entidade, “Suas ações foram completamente governadas pela raiva”. A

base cognitiva desse enunciado envolve a personificação, como se a raiva fosse um ENTE SUPERIOR que “governa” nossas ações, como alguém que comanda. Mas, ao mesmo tempo, nós temos a compreensão de que a raiva está contida na pessoa, ou seja, o CORPO continua sendo o CONTÊINER e a raiva continua a ser algo no interior do corpo. Essa explicação vale para todas as construções metafóricas, uma vez que a metáfora resulta do mapeamento de domínios, sendo que esses domínios são categorizados a partir de nossa experiência em culturas específicas, como vimos anteriormente nos exemplos de Kövecses (2005), que trata das variações metafóricas em culturas distintas.

## **Conclusão**

As metáforas da raiva, portanto, derivam de nossas experiências envolvendo esse sentimento. Não podemos descartar a criatividade que envolve as pessoas na criação de novas metáforas. Porém, sempre que novas metáforas da raiva surgirem serão guiadas, em princípio, a partir da experiência corpórea, ou seja, saindo de um domínio-fonte de base física para um domínio-alvo mais abstrato, ou até mesmo que envolva outra base física como em “Ele é uma dor nos meus ombros”, RAIVA É SENSAÇÃO FÍSICA. A questão é que tudo tem início a partir da regulação de nossa experiência sensório-motora.

## **Referências bibliográficas**

FELDMAN, J. A. *From Molecules to Metaphors: a neural theory of language*. Cambridge: Bradford MIT Press, 2006.

GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese PhD. University of California at Berkeley, Department of Linguistics, Berkeley, 1997.

JOHNSON, C. *The acquisition of the “What’s X doing Y?” Construction*. In: HUGHES, E., HUGHES, M. & GREENHILL, A. (orgs). *Proceedings of the Twenty-First Annual Boston University Conference on Language Development 2*: 343-353. Somerville, Mass.: Cascadilla Press, 1997.

KÖVECSES, Z. *Metaphors of Anger, Pride, and Love*. Amsterdam: John Benjamins, 1986.

\_\_\_\_\_. *Metaphor and Emotion: Language, Culture and Body in Human Feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. Metaphor: does it constitute or reflect cultural models? In: Ray Gibbs e Gerald Steen (Eds), *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1999, p. 167-188.

\_\_\_\_\_. *Metaphor in culture: Universality and Variation*. Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. de tradução de Mara Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 1980 [2002].

\_\_\_\_\_. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew. (Ed.). *Metaphor and thought*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.

\_\_\_\_\_. The neural theory of metaphor. In: *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Gibbs, R. (org.). Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LAKOFF, G.; KÖVECSES, Z. *The Cognitive Model of Anger Inherent in American English*. In Holland, D. and N. Quinn eds. *Cultural Models in Language and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. P. 195–221.

NARAYANAN, S. *Embodiment in language understanding: sensory-motor representations for metaphoric reasoning about event descriptions*. PhD Dissertation, Department of Computer Science, University of California, Berkeley, 1997.